







Direitos 'sequestrados' aos povos tradicionais: possibilidades de compreensão

Traditional peoples' rights seized: possibilities for understanding

José Heder Benatti^I  | Rosani Kamury Kaingang (Rosani de Fatima Fernandes)^{II}  |
Uwira Xakriabá (William César Lopes Domingues)^{III}  | Almiros Martins Machado^I  |
Flávia Silva dos Santos^I  | Jane Felipe Beltrão^I 

^IUniversidade Federal do Pará. Belém, Pará, Brasil

^{II}Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

^{III}Universidade Federal do Pará. Altamira, Pará, Brasil

INICIANDO A CONVERSA

"Direitos 'sequestrados' aos povos tradicionais: possibilidades de compreensão" se propõe a considerar a importância de periódicos acadêmicos praticarem e abrigarem a equidade de gênero, além da imperiosa necessidade de promover a diversidade étnica, racial e geográfica em seus exemplares. Acreditamos que produzir um número do Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas contemplando intelectuais indígenas e quilombolas preenche uma lacuna existente nas revistas brasileiras, além de dar visibilidade às vozes até então silenciadas em face do 'racismo à brasileira'.

Este número é importante sobretudo porque o Boletim do MPEG. Ciências Humanas é uma das publicações mais antigas e de longa duração situadas nas Amazônias¹ e que sistematicamente publica sobre povos originários, tendo grande recepção entre o público leitor². Assim como ainda no século XIX o periódico se lançou à academia, chegou o momento de inovar nas Ciências Humanas e trazer a lume intelectuais indígenas e quilombolas que tiveram/têm seus direitos 'sequestrados' para tratar de temas relevantes para os seus coletivos, a partir das experiências referentes aos territórios e à tradição, levantando problemas passados e contemporâneos, possibilitando o acesso às epistemologias, até então, sufocadas pela colonização.

O dossiê é composto por uma miríade de contribuições que ultrapassa os limites do que se escreve, pois diz mais do conhecimento silenciado do que podemos supor. Ao visualizar a contribuição, a/o leitora/or encontra: memórias, artigos,

¹ Utilizou-se Amazônias no plural considerando-se a diversidade dos povos e os espaços sociais por eles ocupados. Um tratamento homogêneo, a partir do qual são eles abandonados, considera o viés colonial que traz consigo exploração e estratificação social e ignora a diversidade étnico-cultural (Beltrão & Lacerda, 2017; Gonçalves, 2001).

² Optou-se por escrever flexionando a norma hegemônica da língua portuguesa, a partir do gênero feminino, mantendo o masculino em segundo lugar.

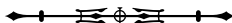
Benatti, J. H., Fernandes, R. F., Domingues, W. C. L., Machado, A. M., Santos F. S. dos, & Beltrão, J. F. (2025). Direitos 'sequestrados' aos povos tradicionais: possibilidades de compreensão. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 20(3), e20250085. doi: 10.1590/2178-2547-BGOELDI-2025-0085.

Autor para correspondência: José Héder Benatti. Universidade Federal do Pará. Instituto de Ciências Jurídicas. Rua Augusto Corrêa, 01. Campus Universitário Guamá. Belém, PA, Brasil. CEP 66075-110 (jbenatti@ufpa.br).

Recebido em 23/10/2025

Aprovado em 23/10/2025

Responsabilidade editorial: Jimena Felipe Beltrão



peça que promove debate, ensaio fotográfico e resenhas bibliográficas, propostas e iniciativas dos movimentos indígenas e quilombolas para as Amazônias, além de escritos de aliados/os dos povos tradicionais na perspectiva de contribuir para o movimento social de descolonização mantido por esses coletivos e, também, abrir caminho para a decolonização das Ciências Humanas, que se faz urgente para que se alcance maior equilíbrio e equidade, abrindo portas e janelas à diversidade étnica e racial.

PROBLEMATIZAÇÃO EM ARTIGOS

Abrindo o dossiê temos os artigos que inauguram a coletânea, iniciando por “Territórios indígenas, conhecimentos tradicionais e sustentabilidade nas Amazônias”, escrito por Jane Felipe Beltrão, Gutemberg Armando Diniz Guerra e Tallyta Suenny Araújo da Silva (Silva et al., 2025), os quais trabalham os territórios indígenas a partir da noção de ‘agricultura indígena’ que implica conhecimentos tradicionais e se apresenta de forma sustentável, fugindo das concepções eurocentradas e alargando os espaços para que as demais contribuições ao tema respondam ao presente dossiê.

Na sequência, Rosani Kamury, no artigo “Educação Escolar Indígena e Educação Escolar Quilombola: movimentos de luta pelo direito à escola” (Fernandes, 2025), nos brinda com sua expertise a respeito da educação escolar diferenciada pela qual indígenas e quilombolas lutam continuamente, pelo direito à escola e a vivências escolares diferenciadas, como manda a legislação vigente no Brasil. E, assim, a autora revela que estados e municípios muitas vezes transformam a legislação em ‘letra morta’, complicando o acesso de indígenas e quilombolas, em lugar de promover a atenuação das barreiras de desigualdade no acesso à educação escolar diferenciada, atentando contra a cidadania.

Luiza de Nazaré Mastop-Lima e Arihera Suruí se juntam, em parceria que mantêm desde os anos 1990, e escrevem “Construindo memórias com Arihera: educação e identidade Aikewara em foco” (Mastop-Lima & Suruí, 2025). Arihera é uma importante liderança feminina entre os Aikewara. A protagonista fala a língua materna e conhece muito bem as narrativas de seu povo e, com Luiza Mastop, consegue desvendar os meandros da educação e da identidade aikewara de forma aprofundada, pois não devemos esquecer que como povo de origem tupi eles, ainda hoje, são alvo de discriminação³.

Continuando as parcerias entre autores, Lucivaldo Costa e Bekroti Xikrín discorrem sobre a importância da língua materna e escrevem “Escrita em língua materna e fortalecimento etnolinguístico” (Costa & Xikrín, 2025), apresentando a repercussão do fato sobre o exercício de resistência do povos Xikrin, acossado que é pelas interferências externas das empresas que ocuparam partes do território indígena e que, embora haja acordos sobre a mitigação dos efeitos sociais, o cotidiano Xikrín *versus* empresas é difícil e envolve conflitos no terreno que, não raras vezes, se arrastam em batalhas judiciais.

Entretanto, a luta dos movimentos indígenas não se faz unicamente no campo da educação escolar, sendo ela a preparação, pode-se dizer, o primeiro degrau a ser galgado para a reivindicação dos ‘direitos sequestrados’ aos povos tradicionais.

Idjarryry Sompré e Eliane Rodrigues Putira Sacuena são intelectuais indígenas formados no campo da saúde, como médico e biomédica, que, em face dos compromissos assumidos com as suas origens, voltaram suas atenções aos trabalhos junto aos coletivos indígenas, ocupando postos que antes eram ocupados por não indígenas. O diferencial do artigo “Bem-viver psicoanimista como alternativa ao conceito de saúde mental: uma proposta a partir de cosmologias

³ Sobre o assunto, conferir Mastop-Lima (2015).

indígenas brasileiras” (I. Sompré & Putira Sacuena, 2025) corresponde à introdução de conceitos diferenciados que apontam para novas possibilidades de atenção à saúde indígena. O cotidiano no campo da saúde as/os levou a refletir sobre os encontros e desencontros a respeito da saúde mental e do bem-viver entre 12 povos indígenas. Autor e autora ousaram reproduzir as concepções indígenas sobre o entrelaçamento entre ‘saúde mental’ e bem-viver, produzindo um trabalho comparativo que conduz a reflexões profundas sobre a importância de compreender outros mundos para aperfeiçoar nossas lides cotidianas. É importante ressaltar que algumas ‘doenças’ que acometem os povos indígenas não se encontram registradas pelo Código Internacional de Doenças (CID), razão pela qual não são tratadas e, no mais das vezes, são detratadas.

Em complementação aos artigos e às reflexões que se faz no dossiê, Andrew Rêgo Benjó e Celyne da Fonseca Soares são autores de “A cartilha de letramento racial como forma de enfrentamento ao racismo” (Rêgo Benjó & Soares, 2025), apresentando o que na academia se aprende e que podemos colocar em prática no enfrentamento cotidiano das ações racistas. Como pessoas pretas, Andrew e Celyne apresentam as possibilidades de ação e o resultado das possibilidades conquistadas.

MEMÓRIAS EM NARRATIVAS

Na seção Memória, têm-se contribuições sobre o cotidiano de lideranças indígenas e coletivos quilombolas e ribeirinhos. Aqui, a intervenção escrita se faz a partir da vivência dos autores que conosco compartilham suas experiências difíceis, mas importantes para a compreensão do ‘sequestro de direitos’.

De início, a memória de Uwira Xakriabá⁴ sobre “Paiakan, líder Kayapó: assassinado pelo Estado brasileiro” (Domingues, 2025). Liderança kayapó mais importante dos últimos 50 anos no Pará, Bepkororoti, conhecido mundialmente como Paulinho Paiakan, foi, ao final dos anos 1990, perseguido em face das denúncias que fez. Passou anos no ostracismo em sua aldeia Kubêkrâkêj, no hoje município de Altamira, no Pará, pagando por algo que jamais foi comprovado e que, hoje, se sabe ser uma acusação que retira dos cenários de luta outras lideranças. Mais tarde, já nos anos 2000, volta à cena e mais uma vez é assassinado pelo Estado em tempos de COVID-19.

Nas memórias de luta, Amilton Bitencourt Azevedo apresenta, em “Memória cotidiana do quilombo Rio Genipaúba” (Azevedo, 2025), a vida cotidiana no quilombo Rio Genipaúba, localizado na área de várzea do município de Abaetetuba, no Pará. Amilton tenta ‘aquilombar’ a/o leitora/or que, por estar ‘fora’ do quilombo, pode não compreender as dificuldades de construir uma história por conta do racismo que se faz presente e produz não apenas estereótipos, mas sobretudo discriminação.

Com o vigoroso trabalho de Marcos Samuel da Costa Conceição, denominado “Espaço cultural Casa do Poeta: saraus, performances e a palavra como transformação” (Conceição, 2025), conclui-se a série de memórias. O autor versa sobre as atividades desenvolvidas em espaço cultural voltado a encontros que trazem performances literárias, como saraus, oficinas de escrita criativa e promoções que tomam ruas e feiras da cidade em Ponta de Pedras, no arquipélago do Marajó. O local, por não ser um espaço cultural patrocinado pelo Estado, luta com dificuldades, ‘superadas’ pela parcimônia e pautado na luta das/os ribeirinhas/os. Do relato memorial surge a pergunta: “como ribeirinhas/os, não temos direitos culturais?”.

⁴ Considerando que somos pessoas de pertencas diferenciadas, não fizemos uso das normas da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), assim sendo, dispensa-se o itálico para palavras indígenas.

UM DEBATE PERTINENTE: ETNIA E GÊNERO

É Almiros Martins Machado, em coautoria com Divina Lopes Guarani e Yvy Mirim (nome civil: Priscila Guarani), que dá continuidade às interrogações para debater como melhor compreender a contribuição dos povos indígenas. “Kunangue Tenondetá: indígenas mulheres Guarani em movimento” (Machado et al., 2025) é um trabalho de fôlego que faz emergir as lideranças indígenas mulheres – Divina Lopes Guarani e Yvy Mirim –, que vivem, respectivamente, no Pará e em Mato Grosso do Sul. Na peça, é possível revelar o desempenho e o esforço das protagonistas em fazer valer as possibilidades do bem-viver guarani. As conversas mantidas provocam a reflexão sobre a continuidade ou a descontinuidade dos valores do povo e as possíveis dinâmicas feitas, mostrando o comportamento contemporâneo guarani. O trabalho é uma prova de como, quando se fala a língua materna, ela nos aponta caminhos importantes para compreender e acostumar-se a um novo idioma. A autoria não deixou as/os não guarani em suspenso: cada palavra foi traduzida em proposta para discutir as possibilidades de ação.

FOTOGRAFIAS COMO MEMÓRIA DE LUTA

Utilizando o recurso do registro fotográfico, o ensaio “Tônkyre, a guerreira que se forjou na luta” (J. Sompré, 2025), resulta da atenção de José Ubiratan Sompré, que escreve sobre a Tônkyre, cujo nome civil é Kátia Silene Valdenilson, a primeira cacica de seu povo, os Akrātikatêjê, com voz firme na defesa dos direitos indígenas: sua atuação ultrapassa a aldeia onde vive, sua voz ecoa pelo mundo.

Tônkyre é herdeira dos ensinamentos de seu incansável pai, o grande líder Höpnyre Ronoré Jopikti Payaré, que jamais desistiu de lutar contra o deslocamento forçado quando da construção da Hidrelétrica de Tucuruí.

RESENHAS QUE ABRAÇAM O TEMA

Ao final do dossiê, três resenhas problematizam trabalhos de importância crucial para a compreensão dos mundos diferenciados dos povos tradicionais que muito podem abrir as janelas do conhecimento para iniciantes e iniciadas/os.

Rita Carneiro abre a sessão com o texto “Descolonizar metodologias é necessário, alerta Linda Smith, pesquisadora maori” (Carneiro, 2025), que apresenta a antropóloga de origem Maori que chama atenção de todas/os nós, ao escrever “Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas”, em 1999, em inglês e que, no Brasil, ganhou tradução de Roberto G. Barbosa, em 2018, via editora da Universidade Federal do Paraná. Com quase 20 anos, o trabalho de Linda Tuhiwai Smith é atual e trata de questões fundamentais relativas aos povos originários que são marcados pelas práticas coloniais e possuem seus conhecimentos e direitos violados.

O trabalho de Daniely Rosário, denominado “Fatumbi: o oráculo do olhar” (Rosário, 2025), cuida de desvendar, ao olhar das/os leitoras/es, a organização de Alex Baradel sobre a obra de Pierre Edouard Léopold Verger (1902-1996), que se tornou Pierre *Fatumbi* Verger, fotógrafo e babalaô, e apresentou ao mundo a dignidade das diferenças, apontando para a igualdade das essências. Não à toa, a obra organizada por Baradel, chama-se “Todos iguais, todos diferentes?”. O livro-catálogo conduz, através de imagens, por caminhos que contribuem para ver/sentir as religiões afro-brasileiras, resgatando-as do lugar da discriminação que nos dias atuais ainda se abate sobre as origens africanas que deitaram raízes no Brasil.

Para completar a moldura das tradições que importam para o nosso cotidiano, Camille Castelo Branco escreve, na resenha “Povos indígenas e audiovisual: memórias e resistências no Xingu” (Castelo Branco, 2025), sobre o trabalho organizado por Takumã Kuikuro e Guilherme Freitas. A obra vem referenciada por textos escritos por autoridades indígenas e não indígenas, como Ailton Krenak, Carlos Fausto, Naine Terena e Watatakalu Yawalapiti, que discutem a

importância dos registros audiovisuais para os povos indígenas, especialmente considerando a preciosidade dos registros históricos sobre a 'grande vitrine' da política indigenista do Brasil que, se bem lida, aponta as inúmeras dificuldades do Parque Nacional do Xingu em nossos dias.

Antes de encerrar nossas observações, queremos agradecer as/aos colegas que confiaram na proposta do dossiê e enviaram seus trabalhos, sem esquecer as/os profissionais que avaliaram nossos escritos e a equipe do Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, pelo diálogo respeitoso e acadêmico que manteve conosco.

Espera-se que o dossiê abra novas veredas para a ampliação e a incorporação de diversidades com as quais convivemos e precisamos colaborar. Boa leitura!

REFERÊNCIAS

- Azevedo, A. B. (2025). Memória cotidiana do quilombo Rio Genipaúba. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 20(3), e20250013. <http://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2025-0013>
- Beltrão, J. F., & Lacerda, P. M. (Orgs.). (2017). *Amazônias em tempos contemporâneos: entre diversidades e adversidades* (1 ed.). Mórula Editorial; ABA Publicações.
- Carneiro, R. de C. de A. (2025). Descolonizar metodologias é necessário, alerta Linda Smith, pesquisadora maori. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 20(3), e20250006. <http://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2025-0006>
- Castelo Branco, C. (2025). Povos indígenas e audiovisual: memórias e resistências no Xingu. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 20(3), e20250003. <http://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2025-0003>
- Conceição, M. S. C. da. (2025). Espaço cultural Casa do Poeta: saraus, performances e a palavra como transformação. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 20(3), e20250012. <http://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2025-0012>
- Costa, L. S. da., & Xikrín, B. (2025). Escrita em língua materna e fortalecimento etnolinguístico. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 20(3), e20250004. <http://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2025-0004>
- Domingues, W. C. L. (2025). Paiakan, líder Kayapó: assassinado pelo Estado brasileiro. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 20(3), e20250019. <http://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2025-0019>
- Fernandes, R. de F. (2025). Educação Escolar Indígena e Educação Escolar Quilombola: movimentos de luta pelo direito à escola. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 20(3), e20250005. <http://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2025-0005>
- Gonçalves, C. W. P. (2001). *Amazônia, Amazônia*. Contexto.
- Machado, A. M., Mirim, P. Y., & Guarani, D. L. (2025). *Kunangue Tenondetá*: indígenas mulheres Guarani em movimento. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 20(3), e20250018. <http://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2025-0018>
- Mastop-Lima, L. N. (2015). De 'fraquinhos' a *Aikewára*: construção de identidade e resistência de um povo tupi na Amazônia. *Revista Tellus*, 15(29), 19-47.
- Mastop-Lima, L., & Suruí, A. (2025). Construindo memórias com Arihera: educação e identidade aikewara em foco. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 20(3), e20250011. <http://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2025-0011>
- Rêgo Benjô, A., & Soares, C. da F. (2025). A cartilha de letramento racial como forma de enfrentamento ao racismo. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 20(3), e20250014. <http://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2025-0014>
- Rosário, D. M. do. (2025). Fatumbi: o oráculo do olhar. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 20(3), e20250008. <http://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2025-0008>
- Silva, T. S. A., Guerra, G. A. D., & Beltrão, J. F. (2025). Territórios indígenas, conhecimentos tradicionais e sustentabilidade nas Amazônia. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 20(3), e20250009. <http://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2025-0009>

Sompré, J. U. (2025). Kátia Tõnkyre, a guerreira que se forjou na luta. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 20(3), e20250017. <http://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2025-0017>

Sompré, I., & Putira Sacuena, E. R. (2025). Bem-viver psicoanimista como alternativa ao conceito de saúde mental: uma proposta a partir de cosmologias indígenas brasileiras. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 20(3), e20250016. <http://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2025-0016>

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Os autores declararam participação ativa durante todas as etapas de elaboração do manuscrito.